

MARCO A.S. VIEIRA

JORNADAS INFORMAIS

**Um olhar sobre os entregadores de aplicativo em Viçosa,
Minas Gerais**

VIÇOSA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

JORNADAS INFORMAIS

Um olhar sobre os entregadores de aplicativo em Viçosa, Minas Gerais

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Drª Mariana Ramalho Procópio Xavier

Estudante: Marco Antônio Silva Vieira

VIÇOSA, 2023



Universidade Federal de Viçosa

Departamento de Comunicação Social

Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Projeto experimental intitulado *JORNADAS INFORMAIS: Um olhar sobre os entregadores de aplicativo em Viçosa, Minas Gerais*, de autoria do estudante Marco A.S. Vieira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes avaliadores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio

Orientadora

Prof. Dr. Henrique Mazetti

Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Rafael Borges Martins

Cientista Social

Editor de imagens UFV

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Viçosa, 26 de maio de 2023.

RESUMO

Esse documentário, produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, busca fazer um retrato dos entregadores de aplicativo em Viçosa. O produto procura mostrar aspectos particulares da rotina de entregas, ao mesmo tempo que levanta o debate sobre a uberização/plataformização e o futuro das relações de trabalho. A reflexão teórica apresentada neste memorial foi norteadada pelos autores Abílio, Antunes, Nichols, Penafria, Almeida, Grohmann, Koerner, Carelli e Zuboff.

PALAVRAS CHAVE

Documentário, Plataformização do trabalho, Direito do Trabalho, Entregadores, Viçosa.

ABSTRACT

This documentary, produced as a conclusion of the social communication/journalism course at the Federal University of Viçosa, seeks a portrait of application developers in Viçosa. The product seeks to show particular aspects of the routine of deliveries, at the same time that the debate about the launch/platform and the future of work relationships arises. A theoretical reflection presented in this memorial was guided by the authors Abílio, Antunes, Nichols, Penafria, Almeida, Grohmann, Koerner and Carelli.

KEY WORDS

Documentary, Uberization, Labour Law, Delivery, Viçosa.

SUMÁRIO

1. UBERIZAÇÃO COMO UMA NOVA “REVOLUÇÃO INDUSTRIAL”.....	8
1.1 A nova era digital.....	10
2. REFLEXÕES SOBRE O GÊNERO DOCUMENTÁRIO.....	15
2.1. Formas narrativas no gênero documentário.....	17
3. RELATÓRIO TÉCNICO-METODOLÓGICO.....	20
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	20
3.1.2 ALICIA.....	21
3.1.3 SUELLEN.....	22
3.1.4 ADRIANO.....	23
4. PRODUÇÃO.....	23
4.1 ENTREVISTAS.....	23
4.2 PERSONAGENS.....	25
4.3 EDIÇÃO.....	27
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, proponho a discussão do conceito de uberização (ou plataformização), que pode ser definido como **um novo modelo de trabalho**. Este modelo é percebido, ao menos em teoria, como mais flexível, no qual o profissional presta serviços conforme a demanda e sem que haja vínculo empregatício.

[...] o trabalho em plataformas digitais é a representação mais perfeita de uma disputa mais ampla que corre em nossas sociedades: a construção de uma regulação do trabalho sem direito e proteção em substituição ao Direito do Trabalho, ou sua manutenção. (CARELLI, OLIVEIRA, 2021, p.21)

Atualmente, cerca de 5% da massa de trabalhadores do país trabalha com as ditas empresas-plataforma (CARELLI, 2021). Em pesquisa de 2019, 3,8 milhões tiravam de algum serviço de aplicativo sua principal fonte de renda, enquanto em outra pesquisa (ABÍLIO, 2020), pelo menos 17 milhões usam aplicativos para complementar a renda. Embora possa parecer um contingente pequeno, é importante ressaltar que, cada vez mais, esse modelo de relação vem sendo naturalizado, já fazendo parte do cotidiano da população em muitas áreas dentro do setor de serviços.

Embora os entregadores e motoristas de aplicativo tenham se tornado a cara desse fenômeno, essa é uma tendência que precede a entrada dessas empresas no mercado digital, havendo registros de contratos em moldes parecidos acontecendo em áreas como saúde, tecnologia de informação, advocacia, vendas e outras. A realidade é que se trata de algo mais amplo, afetando diversos setores, especialmente o de serviços e que resulta “[...] das formas contemporâneas de eliminação de direitos, transferência de riscos e custos para os trabalhadores e novos arranjos produtivos, ela em alguma medida sintetiza processos em curso há décadas[...]”. (ABÍLIO, 2021, p.27)

Durante a pandemia de Covid-19, essa discussão começou a ganhar mais projeção nacional, especialmente após as denúncias das péssimas condições de trabalho dos entregadores de aplicativos como *Ifood* e *Rappi*. Passados três anos, ainda vemos regularmente notícias sobre os maus tratos e abusos sofridos pela categoria. Mas pouco se fala sobre o fenômeno em si, e como já estamos sentindo os efeitos dessa tendência em nossos trabalhos. Profissionais acumulando cada vez mais funções, altas cargas horárias e preferência por trabalhos sob demanda, são alguns desses sintomas.

Entendendo que a uberização se trata da materialização de décadas de transformações políticas do mundo do trabalho e que se apresenta como tendência que permeia generalizadamente tal contexto (ABÍLIO, 2020), é importante analisar esses fenômenos por dentro e buscar formas de escapar das armadilhas que estão sendo postas por essas plataformas.

Esse trabalho tem como proposta a realização de um documentário audiovisual, visando construir um olhar mais íntimo e cotidiano sobre os entregadores, além de buscar trazer informações sobre a dinâmica dos *apps*, em uma cidade do interior como Viçosa. Ademais, pretende-se contribuir com reflexões teóricas a respeito da precarização das condições de trabalho e denunciar possíveis opressões do setor.

É preciso ter cuidado na forma de abordagem, sendo um perigo constante a possibilidade de vitimizar os entregadores e suas condições. Bill Nichols (2010) explica muito bem essa situação, utilizando como exemplo os operários e a televisão na década de 30, no Reino Unido.

[...] os documentaristas da década de 1930, na Grã-Bretanha, tinham uma visão romântica de seus temas operários; não conseguiam ver o operário como agente de mudança ativo e autodeterminado. Em vez disso, o operário era visto como alguém que passava por uma “situação difícil” a respeito da qual outros, isto é, as agências governamentais, deveriam tomar providências. (NICHOLS, 2010, p.178)

Dessa forma, o projeto propõe criar uma narrativa que explore o cotidiano dos entregadores, buscando captar da melhor forma possível a atmosfera em que estão inseridos. Ao mesmo tempo, busca destacar o fenômeno da uberização, seu alastramento, e quais as causas e consequências disso. Para a reflexão teórica, me norteiei pelos autores Abílio, Antunes, Nichols, Penafria, Almeida, Grohmann, Koerner, Carelli e Zuboff.

Para elucidar o percurso de construção desse trabalho esse memorial traz três capítulos. A primeira parte do primeiro capítulo fala sobre o contexto histórico, tecendo uma construção que nos levou a atual conjuntura, que permitiu a materialização dessa nova relação de trabalho. Na segunda parte deste capítulo, tratamos de explicar com mais detalhe o fenômeno em si, suas características e peculiaridades.

Já no segundo capítulo, busca-se refletir sobre o gênero documentário, o que difere da ficção, qual é a sua linguagem. Dividido em duas partes, esse capítulo se dedica à história do documentário e seus dilemas éticos.

O terceiro capítulo traz detalhes sobre o processo de pré-produção, produção e pós-produção, assim como o relatório técnico relativo à execução do projeto. Essa parte também aborda temas mais voltados às etapas de realização do documentário, listando o perfil dos personagens, o processo de edição e a motivação por trás da estrutura escolhida.

1. UBERIZAÇÃO COMO UMA NOVA “REVOLUÇÃO INDUSTRIAL”

No final do século XIX, o mundo ocidental vivia transformações severas com a Revolução Industrial e a formação de uma classe trabalhadora nos grandes centros urbanos. Não demorou para que esses trabalhadores passassem a se organizar, protestando por melhores condições de trabalho, aumento dos salários e a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Na época, homens adultos trabalhavam até cerca de 17 horas por dia. Crianças e mulheres chegavam a trabalhar até 12 horas.

Esses movimentos, de contestação das jornadas vigentes e da busca por direitos, foram prontamente suprimidos pela classe dominante. Um dos casos mais famosos ocorreu nos EUA, em Chicago, em 1º de maio de 1886. O que começou como um protesto transformou-se em um conflito sangrento conhecido como *Haymarket Riot*, após uma bomba explodir em frente à polícia, que retaliou com força contra manifestantes. Nesse contexto de conflito entre donos de fábricas e trabalhadores nos Estados Unidos, ganha protagonismo a agência *Pinkerton*, fundada em 1850 e que ficou conhecida por sua expertise em segurança após atuar na defesa do presidente republicano *Abraham Lincoln* durante a guerra civil americana. No pós-guerra, a agência passou a ser utilizada pelos grandes industrialistas com o intuito de infiltrar e quebrar greves, espionar membros sindicais e rastrear atividades grevistas, descapacitando o movimento sindical americano.

Somente na virada do século XX, com a ascensão da União Soviética e do regime socialista, que os estados capitalistas começaram a ceder às pressões dos trabalhadores¹, inclusive em relação à jornada de trabalho diária, primeiramente instituída pela Rússia Soviética, em 1917. No Brasil, este movimento foi selado na era Getúlio Vargas, com a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)², de 1943. É importante ressaltar que o “fantasma vermelho” também serviu de pretexto para que ocorressem reações mais pesadas contra as aspirações da classe operária/camponesa. No caso da América Latina, o desenvolvimento da operação Condor, chefiada pela CIA e que criou uma rede de apoio, comunicação e treinamento das ditaduras militares que assolaram o continente, foi uma dessas intervenções. É

¹ Disponível em <https://www.marxists.org/history/ussr/events/revolution/documents/1917/10/29.htm>
Acesso em 5 de Outubro de 2022

² Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm Acesso em 5 de Outubro de 2022

nesse contexto que ocorre o golpe de 64, respaldado em um discurso de que o então presidente, João Goulart, seria um agitador comunista.

Essa contra ofensiva capitalista teve como principais articuladores os líderes dos Estados Unidos e Reino Unido. Ronald Reagan e Margaret Thatcher iniciaram um processo vagamente definido hoje como neoliberalismo, uma releitura e metamorfose das ideias liberais do século XIX. Essa conjuntura abriu os primeiros precedentes para que se formassem os gigantescos monopólios de tecnologia do final da década de 90 e início dos anos 2000, que veremos mais adiante. É essencial analisar que essas ideias não permeiam apenas o campo econômico, mas social também, como Silvio de Almeida pontua³, é uma ideologia que visa mercantilizar todos os aspectos da vida humana.

Se a gente tivesse que elencar alguns pontos que caracterizam o Neoliberalismo, o primeiro deles seria: a ideia da construção de uma sociedade a partir do mercado e de mercado. Uma construção que é ao mesmo tempo política e jurídica, em torno de um modelo de mercado. (ALMEIDA, 2021, 20”)

Com o enfraquecimento do bloco socialista na década de 80 e o colapso da União Soviética em 1991, o imaginário coletivo foi dominado pela ideia de um capitalismo inevitável, fenômeno extensamente acobertado pelo filósofo inglês Mark Fisher, o “realismo capitalista”. Podemos enxergar isso dentro da cultura pop: é comum na ficção científica ocidental, gênero que costuma trabalhar com o futuro, obras que trabalham com a ideia do fim do mundo acarretado pelo capitalismo. Essa ideia é amplamente difundida pela comunicação capitalista, através da mídia, da academia e do mercado, que impulsionam essas narrativas, ao ritmo de exaustão.

O capital cristaliza sentidos por meio da circulação da gramática do capital. Isso se dá a partir da sedimentação e na cristalização de sentidos dos signos circulantes do capital, em jogos de repetição e reatualização, como verdadeiros “mantras”, em uma gramática legitimadora dos modos de ser e aparecer do capital nas distintas instâncias da vida social. (GROHMANN, 2020, p.7)

No Brasil, essas ideias começaram a surgir já durante o regime militar, após um processo extenso de desindustrialização. A transição democrática continuou essa tendência na década de 80 com o governo Sarney, e tomando ainda mais corpo após os governos de Collor e FHC, nos anos 90.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=sjG5JgpnzA> Acesso em 16 de janeiro de 2023.

A incapacidade desse modelo responder às necessidades reais da população, fez com que, finalmente, a esquerda tivesse uma chance no poder. Na virada do século XXI, Luiz Inácio Lula da Silva se tornava o primeiro operário eleito presidente na história do país. Lula, aproveitando o *boom* das *commodities*⁴ que aumentou as arrecadações do país, optou por uma conciliação, utilizando dessa maior renda para criar políticas sociais que atendessem o povo, sem ferir o interesse dos ricos. Isso significa que os problemas estruturais de acumulação não foram confrontados. O resultado foi um golpe no governo de sua sucessora, Dilma Rousseff, articulado pelo congresso, representando os interesses dos ricos e instaurando um governo, primeiro com Temer e em seguida com Bolsonaro, focado em reformar as relações de trabalho e economia. Com isso, vimos um aumento na desigualdade, no desemprego, além do Brasil retornar ao mapa da fome após a crise decorrida da pandemia da Covid-19. É importante ter em mente as limitações que essa abordagem conciliadora apresenta.

1.1 A nova era digital

Já no final da década de 90, com a comercialização e popularização da internet, começaram a surgir startups de tecnologia que viriam a dominar o ecossistema online. Essas empresas, e principalmente os dados que acumulam (o petróleo do século 21) hoje são conhecidas como *Big Techs*, ou *Big Data*.

[...]o big data é, acima de tudo, o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de capitalismo de vigilância. Essa nova forma de capitalismo de informação procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado. (ZUBOFF, 2018, p.19)

O surgimento e crescimento dessas empresas também é envolto pelos mitos que reforçam o realismo capitalista: Google, Microsoft, Apple, Facebook e Amazon são empresas de origens “humildes”, que iniciaram suas operações em uma garagem, ou um quarto de uma república universitária. Mas foi apenas com grandes investimentos, tanto estatais quanto privados, que essas empresas conseguiram atingir a posição de verdadeiros impérios.

⁴ Disponível em:

<https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2018/06/21/blog-how-the-commodity-boom-helped-tackle-pove-ty-and-inequality-in-latin-america> Acesso em 12 de março de 2023

O capitalismo de vigilância é uma mutação do capitalismo da informação, que nos coloca diante de um desafio civilizacional. As *Big Techs* – seguidas por outras firmas, laboratórios e governos – usam tecnologias da informação e comunicação (TIC) para expropriar a experiência humana, que se torna matéria-prima processada e mercantilizada como dados comportamentais. O usuário cede gratuitamente as suas informações ao concordar com termos de uso, utilizar serviços gratuitos ou, simplesmente, circular em espaços onde as máquinas estão presentes. (KOERNER, 2020, p.1)

As atuações dessas empresas não pararam na lógica de recomendar os melhores anúncios e produtos pro usuário da internet, passando então a influenciar comportamentos, como nos casos *Cambridge Analytica*, onde o *Facebook* teve papel fundamental para o alastramento da plataforma da campanha de Donald Trump.

Aliado a isso, no início dos anos 2010, começaram a surgir tanto no Brasil quanto ao redor do mundo, uma nova leva de *startups* propondo o que seria um novo modelo de relação de trabalho. *Uber*, *Rappi*, *AirBnb*, *Ifood*, são gigantes do fenômeno que vem sendo chamado de “uberização”. Para Abílio (2020), esse fenômeno pode ser conceituado como um amplo processo de informalização do trabalho.

Derivado do fenômeno social que tomou visibilidade com a entrada da empresa Uber no mercado, em realidade o termo uberização se refere a processos que não se restringem a essa empresa nem se iniciam com ela, e que culminam em uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho. (ABÍLIO, 2021, p.2)

Enquanto a uberização se trata dessas modificações nas relações de trabalho, Abílio diferencia isso do conceito de plataformização, que se trata da dependência das plataformas por parte dos trabalhadores ocasionada por ditas modificações do mundo do trabalho. Nesse sentido, uberização é sinônimo de plataformização do trabalho.

A plataformização (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020), então, significa a crescente dependência de mecanismos de plataformas nos mais diferentes setores da vida, isto é, como a introdução de plataformas digitais significa mudanças e/ou permanências em aspectos sociais e culturais. (ABÍLIO, 2021, p.36)

Essas empresas-plataforma promovem um discurso de empreendedorismo, tecnologia e de autogestão, afirmando agir apenas como uma plataforma para conectar clientes e aqueles que oferecem o serviço.

Envolta na produção discursiva do empreendedorismo, a uberização remete também aos modos de subjetivação relacionados às formas contemporâneas de gestão do trabalho e ao neoliberalismo (Laval; Dardot, 2016; Dejours, 1999), que nos demandam uma compreensão do engajamento, responsabilização e gestão da própria sobrevivência, praticados e experienciados pelos trabalhadores e trabalhadoras uberizados. (ABÍLIO, 2020, p. 116)

É através desse discurso que essas empresas negam responsabilidade sobre os trabalhadores do aplicativo, acarretando na perda de garantias e direitos, em troca de uma suposta autonomia na jornada de trabalho.

Afirma-se também que plataformas e aplicativos criam ambientes de trabalho mais atrativos para quem tem estilos diferentes de vida, sem a rigidez dos empregos tradicionais e assim facilitam a manutenção de mais de um emprego. Também é comum a alegação de que esses trabalhos são apenas um meio de conseguir uma renda extra ou um modo divertido de conseguir dinheiro no tempo livre (ANTUNES, FILGUEIRAS, 2020, p.31).

Essa informalidade coloca os trabalhadores do setor em posição de vulnerabilidade, pressionados por um modelo que, embora na teoria não os force a trabalhar, na realidade os obriga a encarar longas horas de trabalho para conseguir fazer o dia. É comum ver no *YouTube* vídeos de motoristas e entregadores trabalhando durante um dia inteiro, apenas parando para comer e ir ao banheiro⁵.

Em São Paulo, trabalhando 09h24min por dia, os entregadores ganham R\$ 936,00 por mês (PERFIL, 2019); se fosse uma jornada legal de 44 horas, eles receberiam R\$762,66 por mês. Em Salvador, um/a entregador/a recebe, em média R\$ 1.100,00 por mês; mas, quando se restringem a uma jornada de 44 horas, conseguem apenas R\$780,64 mensais. Em ambos os casos, a renda média da jornada regular é muito inferior ao salário mínimo. (ANTUNES; FILGUEIRAS; 2020, p.36)

Toda essa vulnerabilidade se agravou ainda mais em 2020, quando a OMS declarou estado de pandemia⁶ em decorrência do vírus Sars Cov2, uma catástrofe humanitária que atingiu o mundo inteiro, com mais de 600 mil mortes apenas no Brasil,

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=s2tnOy1EGo> Acesso em novembro de 2022.

⁶ Disponível em <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus#:~:text=Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Sa%C3%BAde%20declara%20pandemia%20do%20novo%20Coronav%C3%ADrus,-Mudan%C3%A7a%20de%20classifica%C3%A7%C3%A3o&text=Tedros%20Adhanom%2C%20diretor%20geral%20da,Sars%2DCov%2D2>

aprofundando a crise no país. O cenário de instabilidade e intensificação de políticas neoliberais, em especial a reforma trabalhista de 2017⁷, que não conseguiu resolver o problema do desemprego no Brasil⁸, acarretou em mais pessoas buscando serviço nessas plataformas ou outras formas de trabalhos informais⁹.

Vem ocorrendo tanto a derrelição e corrosão da legislação protetora do trabalho, quanto imposta uma nova legislação que em verdade permite as formas mais arcaicas de exploração, como ocorreu com a legalização do trabalho intermitente na contrarreforma trabalhista realizada pelo governo Temer em 2017 (ANTUNES; FILGUEIRAS, 2020, 32).

A quarentena fez com que a demanda por serviços de *delivery* disparasse, com mais pessoas buscando formas seguras de continuar o consumo. O resultado foi uma piora das já precárias condições de trabalho: a alta demanda fez com que os aplicativos entrassem numa disputa para oferecer o serviço mais barato, impactando diretamente no bolso dos entregadores¹⁰. Sobrecarregados, a ideia de autonomia e autogestão perdeu tração e os entregadores começaram a se organizar.

Em nosso entendimento, entretanto, a chamada uberização do trabalho somente pode ser compreendida e utilizada como expressão de modos de ser do trabalho que se expandem nas plataformas digitais, onde as relações de trabalho são cada vez mais individualizadas (sempre que isso for possível) e invisibilizadas, de modo a assumir a aparência de prestação de serviços (ANTUNES; FILGUEIRAS, 2020, p.32).

Essa dependência da população sobre os serviços de *delivery* deu margem para que, através dos “breques dos apps”¹¹, os entregadores conseguissem pressionar pelas

⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.html Acesso em novembro de 2022

⁸ Disponível em <https://brunaandradealine.jusbrasil.com.br/artigos/540957392/a-reforma-trabalhista-e-seus-impactos-a-o-trabalhador> Acesso em novembro de 2022

⁹ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/business/60-dos-trabalhadores-informais-no-brasil-fazem-bicos-para-sobreviver/#:~:text=Na%20%C3%BAltima%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20mensal%20da,7%20milh%C3%B5es%20de%20trabalhadores%20informais.> Acesso em novembro de 2022

¹⁰ Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2021/12/entrega-aplicativos-desafio-sindicatos-regulacao/> Acesso em novembro de 2022

¹¹ Disponível em [https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/cotidiano/o-que-e-invisivel/breque-dos-apps-entenda-as-reivindicacoes-dos-entregadores/;](https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/cotidiano/o-que-e-invisivel/breque-dos-apps-entenda-as-reivindicacoes-dos-entregadores/) Acesso em novembro de 2022

suas demandas. No entanto, pouco é registrado nas cidades pequenas, no interior do país, como funciona a dinâmica de *delivery*. Em algumas cidades, Viçosa-MG incluída, existe a presença da gigante *Ifood*, que concorre com outras empresas de menor calibre. Algumas delas são a *UaiRango* e *Bigou*.

Dentro do sistema capitalista, obter direitos e melhores condições de trabalho sempre exigiu intensa mobilização por parte dos trabalhadores.

No capitalismo, dar efetividade aos direitos previstos para a classe trabalhadora é um desafio central que constitui a própria história do movimento operário. Desde os primórdios das normas de proteção ao trabalho, a luta do capital para impossibilitar os direitos da classe operária é marcante[...] (ANTUNES; FILGUEIRAS, 2020, p.39)

Corroborando com isso as descobertas recentes das práticas exercidas pela *Ifood*¹², que utilizou dos dados coletados e seu poder aquisitivo para infiltrar e boicotar a organização de seus subordinados, colocando agentes internos que serviam para que a mobilização divergisse da pauta de greve.

A uberização está relacionada ao capitalismo de vigilância (Zuboff, 2018), que se assenta na transformação da vida cotidiana em dados administrados, que são extraídos e utilizados de forma obscura, não acordada e em permanente movimento. No âmbito do trabalho, isso significa mapear a dinâmica de uma multidão de trabalhadores e ao mesmo tempo mapear a dinâmica da demanda. (ABÍLIO, 2020, p.02)

Outro caso, internacional, foi o *Uber Files*¹³, em que foi descoberto que a *Uber* engajou em um *lobby* intenso com diversos governos ao redor do mundo, além de apagar dados que pudessem comprometer a empresa e instigar o conflito entre motoristas de aplicativo e de táxi.

¹² Disponível em <https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/> Acesso em novembro de 2022

¹³ Disponível em <https://www.theguardian.com/news/2022/jul/10/uber-files-leak-reveals-global-lobbying-campaign> Acesso em outubro de 2022.

2. REFLEXÕES SOBRE O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

Para enriquecer a produção do documentário, foram consultados autores que abordassem o documentário sob uma ótica narrativa e filosófica. Não é consenso sobre o que caracteriza a essência de um documentário, mas, diversos autores já se arriscaram nessa discussão.

Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam. (NICHOLS, 2010, p.48)

Fato é que o documentário utiliza de ferramentas também presentes em narrativas ficcionais: montagem, composição, iluminação e interação entre atores. Para Nichols (2010, p.47), “o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção”, definição essa que, como o próprio reconhece, é limitadora.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2010, p.47)

Vamos tratar de exemplos práticos: Nichols usa como um exemplo o filme *Spinal Tap*, de 1987, que entra na categoria de falso documentário. Se utiliza de toda uma roupagem que viemos a nos acostumar como sendo do gênero documentário: entrevistas, narração em *voice-over*, uma perspectiva mais próxima do interlocutor, tudo está lá, mas falta o mais importante: a realidade. A banda de metal observada é uma fabricação, totalmente ficcional, mas que ‘roubava’ elementos de bandas reais do movimento *trash metal* dos anos 80.

Ao ler as reflexões de Nichols, pensei em um outro exemplo, com proposta bem diferente. Se trata do filme *Iracema - Uma Transa Amazônica*, um drama documental realizado por Jorge Bodanzky e Orlando Senna, de 1974¹⁴.

Viajamos vagorosamente, parando nos lugares durante horas para conversar com as pessoas. Também navegamos um bom tempo pelo Amazonas e seus igarapés. Para os primeiros registros visuais e sonoros, tanto a câmera quanto os instrumentos de gravação eram de pequeno porte, o que permitia manter uma postura discreta diante das pessoas. Mas, para nossa surpresa, a maioria delas nem sequer olhava na direção da câmera super-8 de Jorge: só queriam conversar, falar sobre a dureza da vida, a “maldade dos ricos” e, abaixando a voz, os desmandos do governo, que expulsava os sitiados das margens da estrada. (SENNÁ, 2021, n. p.)

Nele, atores e equipe de direção interagem com uma comunidade real no coração da Amazônia, sobre contextos armados, roteirizados, mas com reações dos interlocutores em si, genuínas, “reais”. Embora se trate de uma história fictícia, com atores encabeçando os personagens principais, os arredores e a população são pautados numa representação da realidade, sem ensaios ou intervenções diretas, muitas vezes influenciando também o andamento do roteiro.

O documentário trabalha com a representação da realidade, o retrato de um cotidiano. Para Penafria (2001), o ponto de vista determina com quem o espectador se identifica e o modo como o espectador lê o filme e interpreta a ação. É através do uso da câmera e da montagem que o documentarista define qual o ponto de vista a transmitir e, conseqüentemente, qual o nível de envolvimento do espectador.

Nos documentários, encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compele a acreditar que a imagem seja a própria realidade rerepresentada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade.(NICHOLS, 2010, p.28)

Nichols (2010), elabora sobre como o documentário mostra aspectos de uma parte do mundo histórico, significando e elaborando pontos de vista de indivíduos,

¹⁴ No Brasil o lançamento comercial só aconteceu em 1981. A censura do regime militar se deu por conta do filme retratar grilagem de terras, desmatamento, queimadas, a prostituição e miséria nos entornos da rodovia.

grupos sociais e instituições. Essa responsabilidade confere ao gênero uma necessidade de atenção especial às questões relacionadas à ética de sua produção.

Elas fazem recair uma parcela de responsabilidade diferente sobre os cineastas que pretendem representar os outros em vez de retratar personagens inventados por eles mesmos. Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção. (NICHOLS, 2010, p.32)

É importante ter essa consciência, uma vez que uma escolha criativa pode impactar diretamente a vida ou reputação de alguém que aparece no documentário. Ainda mais quando muitas das vezes o documentário aborda indivíduos e grupos que não poderiam contar essas histórias por si mesmo.

2.1. Formas narrativas no gênero documentário

Questões técnicas e narrativas podem impor uma necessidade de direcionamento por parte do realizador, como aconteceu no clássico de Flaherty, *Nanook*, onde o diretor pede para que os inuítes agissem como se estivessem no interior do iglu, estando na realidade do lado de fora da estrutura, de forma que a câmera conseguisse absorver luz suficiente para captar as ações. Existe espaço para essa direção dentro do documentário, embora precise ser medido seu impacto e contribuição para o desenvolvimento da narrativa.

O grau de mudança de comportamento e personalidade nas pessoas, durante a filmagem, pode introduzir um elemento de ficção no processo do documentário (a raiz do significado de ficção é fazer ou fabricar). Inibição e modificações de comportamento podem se tornar uma forma de deturpação, ou distorção, em um sentido, mas também documentam como o ato de filmar altera a realidade que pretende representar. (NICHOLS, 2010, p.31)

Dessa forma, a própria escolha narrativa pode se tornar uma escolha ética. Devo empregar narração em *voice over*, ou utilizar somente falas dos entrevistados? Como encaminhar a montagem, o enquadramento? Quero que o personagem esteja grandioso no quadro, ou pequeno, abatido? A câmera vai acompanhar as ações, ou ficar aberta e estática, no canto?

Um exemplo que acredito ser positivo é o documentário de 2000, *Os Catadores e Eu*, da diretora francesa Agnes Varda. No próprio título original, vemos a posição que a realizadora se coloca dentro da obra: “Les glaneurs et la glaneuse”, ou “os catadores e a catadora”. No decorrer do documentário, Varda utiliza o contexto dos respigadores para fazer uma autorreflexão, um ensaio que trata tanto dos problemas internos que vivia(o envelhecimento e como lidar com isso), quanto das pessoas que se encontravam na condição de catar coisas das ruas e campos. Ela se coloca como uma catadora que busca por essas histórias, essas reflexões.

Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que assistimos quando perguntamos de que trata um certo filme. Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém. Existe uma história de como e por que ele foi feito. (NICHOLS; 2010, p. 93)

O desafio, portanto, é conceber uma narrativa que contenha os elementos necessários para atingir esses objetivos dramáticos, sem perder autenticidade. A realização do filme foi baseada nessas questões, assumindo uma posição de observador. Para Bill Nichols (*op.cit.*), o modo observativo propõe considerações éticas em relação ao ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres. Na ficção, as cenas são arquitetadas, ao passo que as cenas do documentário representam a experiência de pessoas reais que, por acaso, testemunhamos. Essa posição de ficar olhando “pelo buraco da fechadura” pode ser desconfortável, se o prazer de olhar tiver prioridade sobre a oportunidade de reconhecer aquele que é visto e de interagir com ele.

Dessa forma, essa posição de observador não é absoluta e nem exige o projeto de manter uma postura crítica em relação ao avanço da uberização e do capitalismo de vigilância. Como Penafria (2001) pontua, a visão de um realizador sobre determinado assunto manifesta-se pela utilização da linguagem cinematográfica. Assim, o espectador poderá interpretar o filme através do olhar do documentarista e a perceber-se de que determinada realidade pode ser vista de modo diferente.

Fato é que a classe dos entregadores não tem na sua totalidade uma consciência de classe uniforme, logo não se pode atribuir esse sentimento generalizado a eles. O que pode ser utilizado é a sensação de indignação com a falta de reconhecimento por parte da sociedade em relação ao trabalho que exercem. Muitos não são favoráveis à CLT,

nem uniões como sindicatos, embora reconheçam os abusos e exploração por parte dos grandes aplicativos, como *ifood*.

Todo esse contexto e contradição entregue pelos trabalhadores só pode ser capturado por meio da condução de entrevistas, um dos recursos mais valiosos no documentário. Para Bill Nichols (*op. cit.*), há uma distinção entre a entrevista, a conversa corriqueira e o interrogatório. A entrevista obedece a um quadro institucional no qual está inserida – o do “encontro social” – e a protocolos específicos que a estruturam. Para o documentário em questão, foram utilizados principalmente dois recursos: captura de momentos mais descontraídos, sem foco direto no entrevistado e a captura de entrevistas com um roteiro mais solto, de forma a deixar o entrevistado mais confortável. Aliado a isso ocorreu também o acompanhamento da rotina dos entregadores, o funcionamento do aplicativo e as dificuldades das ruas de Viçosa.

O foco da narrativa é explorar como os entregadores se enxergam, se eles ainda aceitam narrativas como o mito do “empreendedor”, ou se já se colocam na posição de trabalhador. Entender como enxergam uma possível realidade em que conseguem os benefícios e a flexibilidade, sem perder a dignidade e a segurança. Foco menor na situação precária dos entregadores em Viçosa, uma vez que a realidade é menos brutal se comparada às capitais. O ponto é mostrar como essa expansão das plataformas começam a formar sombras no interior do Brasil, colocando em risco iniciativas locais, como a própria *BikersGo*.

3. RELATÓRIO TÉCNICO-METODOLÓGICO

Para a realização do documentário sobre a vida dos entregadores em Viçosa-MG, a produção foi dividida em três etapas: Pré-produção, Produção e Pós-produção. Essa divisão foi uma forma de organizar o processo, mas não foi seguida à risca, com atividades relacionadas à pós-produção acontecendo no período de gravação, principalmente a edição. Percebe-se que isso aconteceu principalmente pela ausência de um roteiro formal com maior detalhamento. O resultado foi um processo pautado por um senso de “improvisado”, no qual a história foi se direcionando de acordo com as entrevistas.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O processo de pré-produção iniciou-se no mês de julho de 2022, com a leitura da bibliografia relacionada, focando em artigos e textos que tratassem do fenômeno da uberização, plataformação e do cotidiano dos entregadores. Foi uma coincidência fortuita (ou infortuna) que, durante este período preparatório, tinha saído no Brasil uma reportagem do *The Intercept* sobre as práticas abusivas da Ifood, junto com o caso *UberFiles*, exposto pelo jornal inglês *The Guardian*. Junto a isso, também li *Introdução ao Documentário*, de Bill Nichols (2010), livro no qual ele faz uma análise muito rica sobre o gênero documentário, desde aspectos técnicos, como filosóficos, levantando questionamentos sobre a natureza do gênero e suas potencialidades. Também foi utilizado como referência o livro *Manual do Roteiro*, de Doc Comparato (2009), que, embora tenha uma abordagem mais generalista, também trata do documentário e serviu como norte na hora de iniciar a montagem do filme.

Reunido um banco de textos e artigos, foi hora de começar a prospectar possíveis fontes na cidade de Viçosa-MG. O primeiro passo foi procurar no Facebook se haviam grupos de entregadores, o que de fato havia, ainda que esvaziado e parado. Investigando o grupo, identifiquei o criador dele, que também era o mais ativo no grupo, Adriano. Fiz o primeiro contato ainda pelo Facebook e recebi de primeira mão uma resposta mais fria, com o entregador afirmando ter receio de falar sobre a empresa que trabalhava, pensando que eu já assumia uma postura antagônica a qualquer tipo de serviço de delivery. Quando expliquei que não era esse o objetivo do projeto, ele se

mostrou mais aberto, mas ainda insistindo que eu recolhesse a bênção de um dos sócios da pequena empresa de entregas, a *BikersGO*. Nesse meio tempo, também postei no grupo da Universidade Federal de Viçosa, anunciando a produção do documentário e que estava procurando fontes.

Finalmente, entrei em contato com Jomar Pereira, um dos sócios da empresa que se mostrou bem aberto ao projeto, permitindo transitar pelo ponto de apoio dos entregadores e coletar entrevistas. Com esse aval, comecei a mergulhar no universo dos trabalhadores de aplicativo, iniciando entrevistas piloto em outubro. Essas entrevistas contaram com Adriano, Jomar, além de outras duas entregadoras, Alice e Suellen. A ideia era utilizar essas entrevistas para “aquecer” o câmara, no caso eu, servindo como pesquisa dentro da pré-produção, além de encontrar os melhores pontos para gravação e entender a iluminação do local. Além dessas entrevistas, tive conversas casuais com vários entregadores, em *off*.

Cumpru ressaltar que as reuniões de orientação foram realizadas durante o processo. Nelas, discutíamos os caminhos que seriam seguidos assim como soluções para contornar alguns problemas..

3.1.2 ALICIA

Alicia dos Santos é uma jovem de 23 anos, nascida em Ponte Nova, mas criada em Viçosa, Minas Gerais. Eu a conheci no primeiro dia de gravação, no que era para ser originalmente uma entrevista com Jomar, mas que não pôde comparecer devido a um imprevisto de última hora.

De início, fiquei conversando com ela mais para passar o tempo, já que não havia recebido o aviso de que Jomar não conseguiria comparecer. Quando ela começou a falar das experiências dela como entregadora, perguntei se ela toparia ceder uma entrevista. Muito tímida, resistiu até onde deu, mas no final acabou concordando em participar. Devido à circunstância, eu não tinha um roteiro pronto, então foi mais um bate-papo do que uma entrevista mesmo.

Alicia revelou que começou como “biker”, até que, depois de dois anos, comprou uma moto e passou a entregar como motociclista. Até o encerramento do documentário, Alicia já havia parado de rodar pela *Bikers*, arrumando um emprego como atendente em um restaurante local.



3.1.3 SUELLEN

Suellen Gonçalves tem 25 anos, nascida e criada em Viçosa, Minas Gerais. Foi uma das primeiras entregadoras que tive contato, e embora tenha partido dela a vontade de participar do documentário, se mostrou muito tensa nesse primeiro contato. Antes de ser entregadora, trabalhou no restaurante da tia, além de motorista de aplicativo. A conversa foi curta, focando principalmente na vivência dela como entregadora, as dificuldades do trabalho, e quais as perspectivas que tem para o futuro.



3.1.4 ADRIANO

Adriano Souza é natural de Piranga, mas cresceu e passou grande parte da sua vida vivendo com seus avós em Niterói, até que se mudou para o Rio de Janeiro em busca de mais condições de trabalho. Tem 46 anos e é veterano das entregas, trabalhando por muito tempo como entregador em regime CLT para diversos restaurantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, até chegar em Viçosa, em 2020 ,para ficar mais próximo de sua família de Piranga.

Na conversa que tive com ele, pude constatar um sentimento que se repetiu ao conversar com outros entregadores: muitos não pretendem voltar a trabalhar em CLT, gostam da flexibilidade, ainda que reconheçam os abusos, especialmente das empresas grandes, como *Uber*, *Ifood* e *Rappi*.



4. PRODUÇÃO

4.1 ENTREVISTAS

Após reunir essas três entrevistas, comecei a pensar como seria a melhor forma de estruturar a narrativa. Foi quando pensei em dividir em três momentos: uma parte para um debate mais aprofundado sobre o fenômeno da plataformização, e as outras duas, já em um contexto focado em Viçosa, onde seria explicado o funcionamento da empresa *BikersGo* e a rotina dos entregadores.

Encerrada a fase de pesquisa, era hora de começar a gravar, o que aconteceu principalmente entre os meses de janeiro e março de 2023, com todas as entrevistas acontecendo no ponto de apoio da *Bikers*, na rua Gomes Barbosa, nº 203. Simultaneamente, trabalhei no memorial, adicionando mais conteúdo, especialmente na parte do relatório técnico, à medida que avançava na produção.

Um dos entraves nessa etapa foi a dificuldade de encontrar uma forma de acompanhar as entregas sendo realizadas. Até então, todos os contatos que consegui reunir se tratavam de motociclistas e, como eu não tenho uma moto ou carro, a alternativa seria subir na garupa de um entregador ou de outra moto que fosse acompanhar o trajeto. Essa inviabilidade fez com que fosse necessário procurar algum ciclista, já que com minha bicicleta seria possível capturar uma entrega. Diante disso, entrei em contato com Ricardo, um jovem de 19 anos que também entrega pela *Bikers*.

Com a fonte principal definida, marcamos uma entrevista no dia 26 de janeiro, numa quinta-feira. Ela foi dividida em dois momentos: a entrevista de fato e o acompanhamento de entregas, no período das 15h até as 19h. Após cerca de 20 minutos de conversa, pegamos as bicicletas para realizar a primeira entrega, próximo ao Hospital São Sebastião. Em seguida, fomos até em frente ao restaurante *Távola Lúdica*, na rua dos Estudantes, onde Ricardo e seus colegas costumam passar o tempo enquanto aguardam novos pedidos. Após um tempo aguardando, chegou a vez de Ricardo realizar outra entrega, dessa vez subindo o morro da rua do *Bar do Leão*. Devido a elevação, subimos a pé, onde aproveitei para fazer perguntas complementares, do dia a dia de um entregador. O fato da fonte ser mais jovem, “nativa” das mídias digitais, conferiu uma interação mais solta, onde ele assumiu a proatividade em diversos momentos, fazendo comentários que não foram induzidos por mim, especialmente durante as entregas. Durante a entrega, em determinados momentos da trajetória, especialmente em ruas planas e bem pavimentadas, erguia a câmera e mirava em Ricardo, enquanto conduzia o guidão com a outra mão.

O equipamento utilizado ao longo da produção foi uma câmera *Canon Rebel SL2*, onde utilizei uma lente 18x55mm com estabilizador de imagem embutido para as cenas na bicicleta, onde consegui uma imagem menos tremida. Para cenas noturnas, utilizei uma lente antiga, a *Helios 44-2*, com uma abertura maior, possibilitando imagens menos granuladas. Além disso, também confere um efeito estético, como as difrações decorridas do contato da lente com uma fonte de luz.

Com a entrevista de Ricardo e as imagens na rua, consegui bastante material para iniciar uma pré-montagem, ajudando a identificar pontos que deveriam ser tratados em entrevistas futuras. Após essa primeira etapa, novamente sentei com Mariana, onde ficou evidente a necessidade de um depoimento que explicasse o funcionamento da empresa de forma mais objetiva e técnica, sendo Jomar a opção mais viável. A segunda tentativa de entrevistar o sócio foi mais frutífera, com a conversa rendendo também cerca de meia hora. Falamos sobre como surgiu a ideia de criar a empresa, como ela funciona, além de temas como a percepção do mercado de delivery em relação à Ifood e sobre uma greve recente dos entregadores que ocorreu em frente à prefeitura de Viçosa, parte que não entrou no corte final.

Após juntar as entrevistas de Jomar e Ricardo com imagens de segundo plano que capturei ao longo de diversos dias dos entregadores nas ruas de Viçosa, senti que seria legal acompanhar Ricardo mais uma vez, mas dessa vez focar nos períodos que não tem entrega, a interação entre os colegas, fazendo um *link* com uma das falas dele.

Com a visão de um empreendedor e de um trabalhador, era importante ter uma fonte que tratasse do fenômeno uberização com mais prioridade, num sentido amplo. De início, a ideia era chamar algum professor da UFV cuja área fosse o direito do trabalho, mas não consegui encontrar alguém que encaixasse no perfil do documentário. Foi quando entrei em contato com Karl Henzel, advogado da ASPUV (Associação dos Professores da Universidade Federal de Viçosa), sindicato no qual eu estagiava. Ele prontamente me recomendou o sócio do escritório MP&C, Humberto Marçal.

Humberto se mostrou disposto desde o princípio, mas pontuou que havia uns anos que tinha parado de acompanhar de perto o debate acadêmico sobre a uberização. Ele então me apontou para um dos advogados que trabalha no escritório, Rafael de Assis, que pesquisa na UFMG a subordinação algorítmica. Marquei a entrevista e gravamos no escritório da MP&C, em Belo Horizonte, no dia 24 de março. As contribuições de Rafael agregaram muito ao documentário, servindo como introdução, apresentando uma problemática numa escala macro, antes de mergulharmos no micro.

4.2 PERSONAGENS

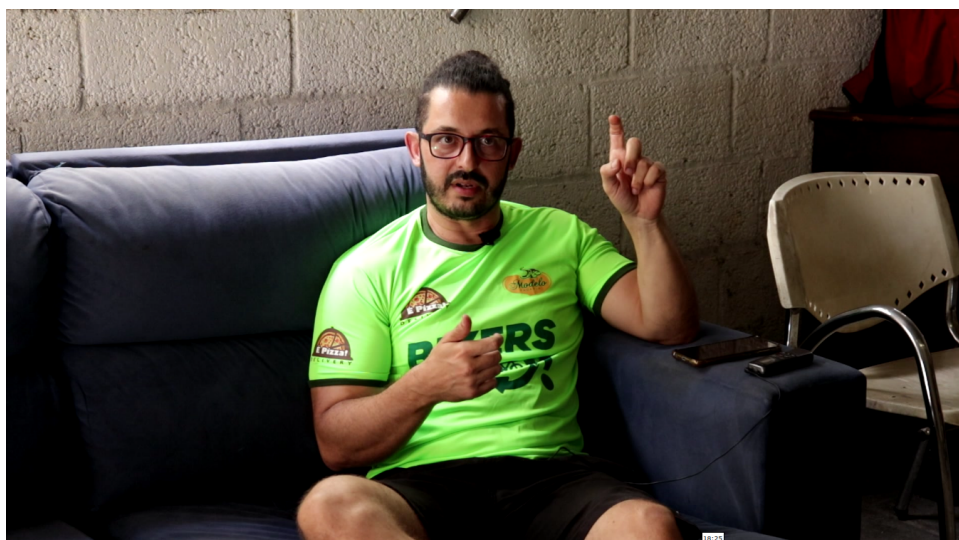
RAFAEL DE ASSIS

Formado em direito pela UFMG, Rafael é advogado no escritório Marçal Pereira e Carvalho, que faz parte do Instituto Declatra, instituição cujo trabalho visa a assegurar os direitos dos trabalhadores. Iniciou mestrado, também na UFMG, onde seu projeto consiste em estudar o funcionamento das empresas-plataforma e sua subordinação algorítmica.



JOMAR

Formado em Administração pela UFV, Jomar Pereira teve a ideia de criar a empresa junto de seu sócio e ex-colega de turma Paulo. Inspirados pela *Ifood*, que na época ainda não tinha uma percepção pública tão negativa, criaram a empresa *Bikers Go*, em 2018. A ideia inicial era criar uma empresa de entregas com ciclistas, mas a operação foi se expandindo, formando parcerias com restaurantes e estabelecimentos, até que passaram a empregar também com motoboys.



RICARDO

Ricardo é um jovem de 19 anos natural do Sul de Minas, mas vive em Viçosa com seus irmãos desde 2014. Já tinha um tempo que queria rodar pela *Bikers*, mas o fato da empresa não aceitar menores de idade retardou seus planos. Assim que atingiu a maioridade, buscou a *Bikers* e passou pela triagem, sendo admitido em agosto de 2022.



4.3 EDIÇÃO

O processo de edição do documentário ocorreu concomitantemente com as gravações, podendo ser dividido em três momentos distintos, relacionados a cada entrevista. Como ponto de partida, optei por usar meu curta de 1 minuto que fiz para concorrer ao 2ºViCine¹⁵, onde realizei uma edição baseada numa batida de hip hop, junto de imagens de entregadores rodando pelas ruas de Viçosa. A princípio, essa sequência serviu como uma introdução para o doc, mas ao longo do processo de edição, foi realocada para o meio, servindo de transição para apresentar a realidade de Viçosa.

Logo em seguida, peguei a entrevista de Ricardo e comecei a montar a cronologia dos eventos daquela tarde. Sincronizei o áudio da lapela com as imagens da câmera, e a partir daí fui recortando e inserindo de forma bem improvisada, na base do *feeling*, o que soava melhor.

Foi nesse momento que percebi um problema técnico em relação ao áudio: estava levemente estourado. Pensei que o problema era a lapela que recém adquiri, mas testei ela no meu computador e o som saía normalmente. Descobri que o gravador que eu estava utilizando, um Sony ICD-PX240, de 2014, tinha uma configuração de baixa e alta sensibilidade. Isso significa que quando marcada a opção alta, o som que eu capturava, mesmo de uma fonte com voz mais baixa como Ricardo, era elevado, e por conta disso ficou estourado. Para as entrevistas seguintes, mudei a configuração e acredito que obtive uma melhora no áudio, especialmente após correções, como compressão e equalização, nos programas *Reaper* e *Audacity*.

Após encerrar a edição com o material de Ricardo, me reuni com Mariana Procópio para acompanhar o andamento da produção e planejar os próximos passos. Concluímos que era importante de uma fonte que pudesse explicar de forma mais clara o funcionamento da empresa, sendo Jomar Pereira, sócio da *BikersGo*, a melhor opção. A conversa rendeu bastante, chegando quase na casa dos 30 minutos. Isso conferiu um desafio maior na hora de montar e decidir o que entraria pro corte final, uma vez que todos os assuntos abordados tinham seu valor dentro do debate. Nessa etapa da produção, é preciso afunilar as ideias do documentário, e embora eu achasse interessante a ideia de abordar a manifestação que os entregadores tinham organizado, isso ia destoar do resto, além de estender a duração do filme, correndo o risco de arrastar a narrativa. Optei então por focar em dois aspectos da entrevista: o primeiro, onde ele explica as origens da *BikersGo* e como ela opera. O segundo, quando fala

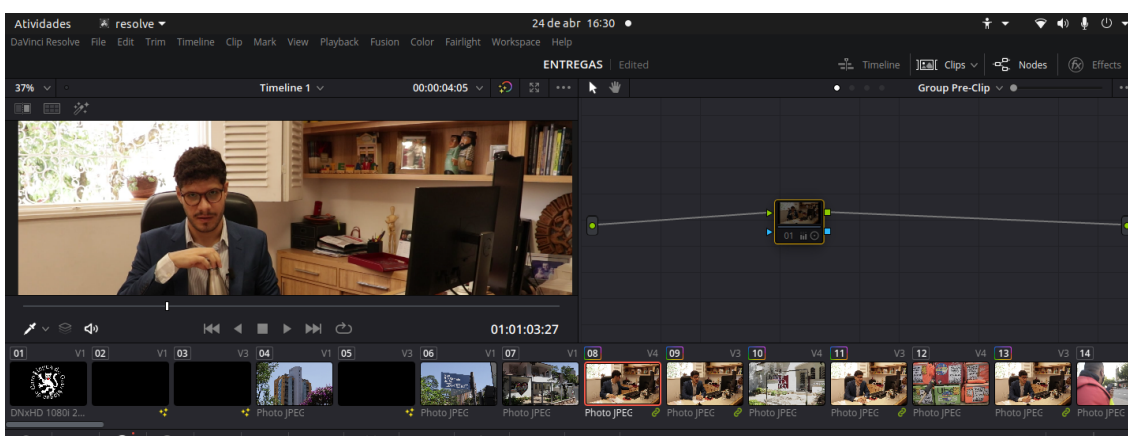
¹⁵ Segunda edição do festival de cinema da cidade de Viçosa-MG. Nesta edição, aconteceram duas mostras, uma nacional e uma local.

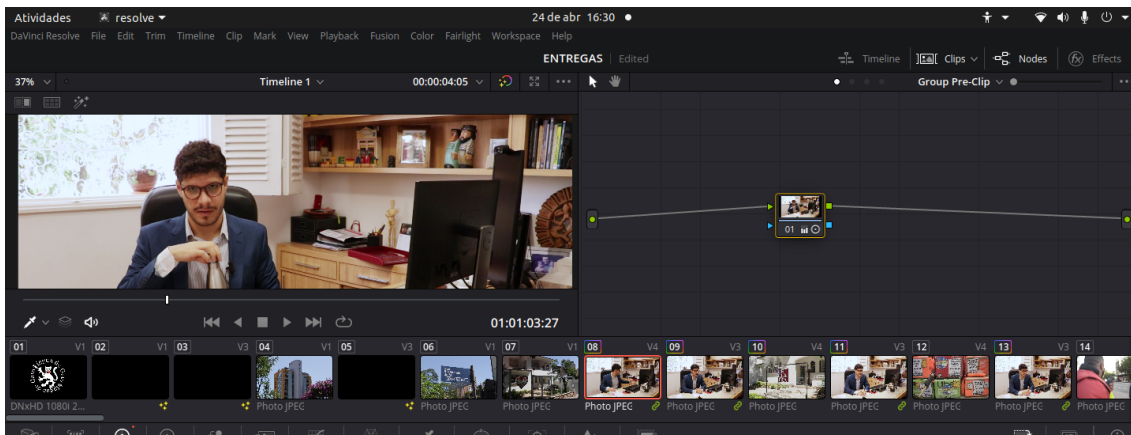
sobre a Ifood e o debate dos entregadores e seus direitos, expandindo a discussão do documentário.

Inserida a seção de Jomar, comecei a brincar com uma ideia que tinha desde a aceção do documentário, que seria fazer uma montagem introdutória utilizando imagens e áudios de notícias e entrevistas relacionadas aos entregadores. O objetivo seria criar um panorama geral da situação desses trabalhadores, antes de mergulhar no específico de Viçosa. Descartei essa ideia quando comecei a juntar esses materiais e não consegui encontrar uma forma de criar uma mensagem coesa e consistente através dessa montagem. Após mais uma reunião de orientação com Mariana, decidimos que agora era importante ter alguém que falasse do fenômeno da uberização.

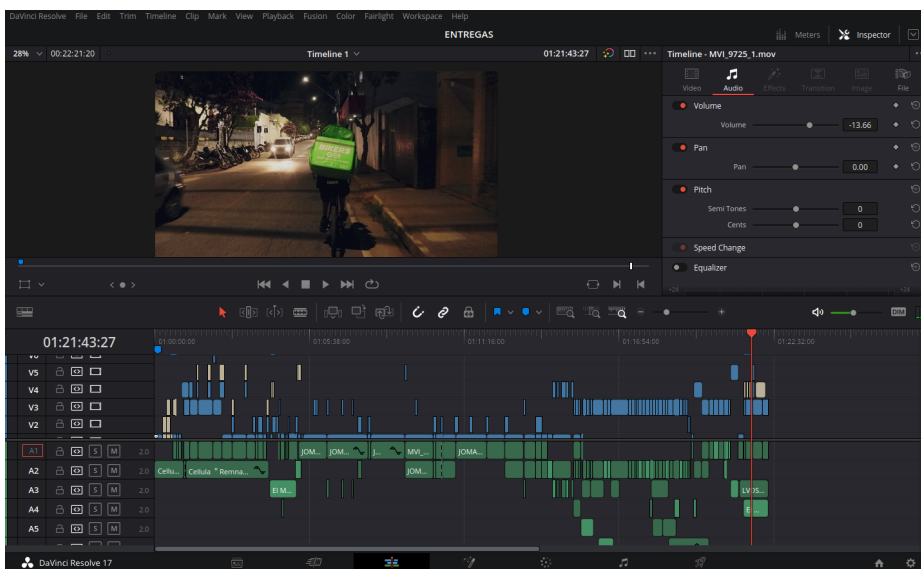
Nesse sentido, a entrevista de Rafael ajudou tanto no aspecto do debate dentro do filme, quanto num sentido estrutural, servindo como a introdução do documentário. Essa conversa em específico apresentou um desafio na hora de edição, devido ao nervosismo da fonte. Com algumas quebras de raciocínio no meio da fala, aliado à erros na hora de falar, tive que fazer várias costuras na conversa. Tive que recorrer a imagens de terceiros para encorpar essa costura. No caso, utilizei imagens de uma reportagem da *Veja* sobre a greve dos entregadores de 2020, em São Paulo, de autoria do repórter e cinegrafista Kaio Lakaio.

Montado o esqueleto da narrativa, iniciando na escala macro com Rafael e depois afunilando com Jomar e Ricardo, era hora de começar a refinar a montagem, equalizar o som, selecionar a trilha sonora e fazer a correção de cor.





Comparando antes e depois, optei por tirar o tom amarelado, puxando um pouco para o azul em cenas diurnas, e um azul com tons de roxo para cenas noturnas. Nada muito drástico, quis encontrar um ponto que soasse natural. Antes e depois, respectivamente.



Panorama de como ficou a linha do tempo.

A escolha da trilha sonora foi uma parte importante durante o processo de edição, com diversas músicas sendo utilizadas até chegar a configuração atual. A ideia era conferir mais dinamicidade e ritmo para a narrativa, fazendo montagens mais estilizadas, brincando com o ritmo das músicas. Uma questão que permeou a escolha dessa trilha foi a dos direitos autorais. A princípio, estava utilizando apenas material gratuito do YouTube, mas não gostei do resultado. Senti que estava ficando muito repetitivo, então busquei músicas autorais de artistas mais desconhecidos. Entendo que ao cogitar a possibilidade de enviar o filme para festivais, em algum momento terei que repor essa trilha, ou conseguir a permissão desses artistas.

Após a inserção da trilha, era hora de refinar pontos de corte, tentar enxugar o tempo de duração do produto. Feito isso, inseri as legendas e os créditos finais.

Terminada a edição, entrei em contato com os entrevistados para mostrar o produto final e coletar as assinaturas para o direito de imagem. Optei por coletar após verem o produto final para não pressionar as fontes, para que não se restringissem com medo de uma assinatura.

Finalmente, me reuni uma última vez com Mariana, para ajustarmos as partes final deste memorial. O resultado foi um documentário audiovisual de 22 minutos, que explora a discussão sobre o fenômeno da uberização/plataformização do trabalho, junto a um olhar sobre os entregadores em Viçosa-MG.

CONCLUSÃO

Após quase um ano pesquisando sobre a questão dos entregadores e a plataformização do trabalho, é nítido que se trata de algo que vai além desses trabalhadores. A culminação desse processo, é, como Abílio (2020) pontua, a transformação do trabalhador em um autônomo, perpetuamente disponível ao trabalho, sem resguardos ou proteção.

Obviamente, a discussão é muito ampla e muitas das ideias que tive ao longo da produção não puderam ser aplicadas, seja pelo espaço de tempo, ou dificuldade de conseguir encontrar fontes adequadas para a temática. A vontade era de seguir apurando e expandir o projeto, com mais fontes, mais pontos de vista, mais abordagens.

No que se refere aos objetivos do trabalho, os quais eram criar uma narrativa que explorasse o cotidiano dos entregadores, ao mesmo tempo em que buscava destacar o fenômeno da uberização e seu alastramento, acredito que consegui atendê-los. Na forma que estruturei o documentário, a intenção era apresentar um problema, fato que acredito ter realizado com a entrevista de Rafael. Depois, apresentar uma realidade diferente, mostrando uma empresa local de delivery com a entrevista de Jomar. E finalmente, trago a vivência dos entregadores, com a figura central de Ricardo. Penso que essa estrutura atendeu as necessidades do projeto, além de conferir um ar mais leve para a narrativa.

O processo foi extremamente enriquecedor, especialmente pela dificuldade posta em tocar o projeto como uma “banda de um homem só”. Essa dinâmica me conferiu aprendizados em várias áreas dentro do fazer jornalístico/cinematográfico. Tive que no processo de produção, fazer uma pesquisa de campo, selecionar possíveis fontes e entrar em contato com elas. Na produção, precisei escrever um roteiro para condução das entrevistas, que conduzi enquanto ao mesmo tempo exercia a função de cinegrafista, com auxílio de um tripé. Também editei o produto final, exercendo prática em habilidades como *motion graphics*, tratamento de som e de cor, e a montagem em si. Tudo isso em meio à discussão ética sobre como enquadrar as fontes, qual a mensagem que queria passar.

Ironicamente, essa experiência também pode ser vista como um dos desdobramentos da plataformização do trabalho, dentro do ambiente jornalístico. Cada vez mais vemos jornalistas acumulando funções, sendo repórter, cinegrafista, *social media*, apresentador, tudo de uma vez, sem receber pelo trabalho extra.

Cumpro ainda destacar que, durante todo o período de produção do documentário, eu também estava estagiando na ASPUV, sindicato dos professores da Universidade Federal de Viçosa. Acredito que essa experiência enriqueceu também o produto final, e hoje tenho certeza da necessidade de uma comunicação organizada, competente, e que atenda as necessidades reais da classe trabalhadora, a qual também me insiro.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmilla. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Estudos Avançados**, 34(98), Campinas, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VHXmNyKzQLzMyHbgcGMNNwv/>

ABÍLIO, Ludmilla. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 23, n. 57, mai-ago 2021, p. 26-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/XDh9FZw9Bcy5GkYGzngPxB/>

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. PLATAFORMAS DIGITAIS, UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E REGULAÇÃO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901/html>

CARELLI, Rodrigo. As plataformas digitais e o Direito do Trabalho: como entender a tecnologia e proteger as relações de trabalho no Século XXI. **Dialética**, São Paulo, 2021.

COMPARATO, Doc. **Manual do Roteiro**, 2009.

GROHMANN, Rafael. A Comunicação na Circulação do Capital em Contexto de Plataformização. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, maio de 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5145>

KOERNER, Andrei. Capitalismo e vigilância digital na sociedade democrática. **RBCS VOL. 36** Nº 105 /2021: e3610514, Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/3RSTj7mCYh6YcHRnM8OZcYD/>

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Bloomington, Indiana, 2010.

SENNÁ, Orlando. **Cinema e Guerrilha: Uma biografia incompleta do filme Iracema - Uma transa amazônica**. Revista Piauí, 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/cinema-e-guerrilha/>

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**, 2001. Disponível em Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC): <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: Capitalismo de Vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. Boitempo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5143632/mod_resource/content/1/Untitled_31102019_195822.pdf